



JARBAS BARBOSA

“A PROTEÇÃO DE TODOS DEPENDE DE CADA UM”

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

LISEANE MOROSINI

O SUS é a melhor resposta que o Brasil pode dar à covid-19 em termos de uma política social generosa, de visão incluyente e promotora de equidade. E é preciso aproveitar esse momento de grande visibilidade da saúde pública para garantir um financiamento adequado. É o que afirma Jarbas Barbosa, diretor adjunto da Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), escritório regional para as Américas da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Jarbas Barbosa é pernambucano e, antes da Opas, foi diretor-presidente da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), além de secretário de Vigilância em Saúde e de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos do Ministério da Saúde. Sanitarista e epidemiologista, ele conversou com Radis por telefone, de Washington, onde vive, e falou sobre a importância do multilateralismo e da garantia do acesso a vacinas, tratamentos e equipamentos a todos os países independentemente do grau de desenvolvimento.

Apesar da devastação provocada por tantas mortes, o médico acredita que a pandemia vai mudar a forma com que os países e as pessoas olham o mundo. Para determinados tipos de doença, como a covid-19, não houve barreira eficaz para impedir a disseminação. “A proteção de todos vai depender diretamente da proteção de cada um. O mundo todo ficará automaticamente vulnerável se um país não tiver condições mínimas com capacidade para detectar e controlar o surgimento de um novo vírus”, disse.

**Por que o senhor tem afirmado que o SUS é a melhor resposta que pode ser dada por um sistema de saúde?**

Ele tem todas as dimensões que caracterizam um sistema de saúde moderno. Além de prover a atenção à saúde, o sistema também se responsabiliza por todas as soluções essenciais de saúde pública, desde a vigilância, a regulação de medicamentos e produtos para a saúde pela Anvisa [Agência Nacional de Vigilância Sanitária], a incorporação de novas tecnologias, a promoção da saúde, e muito mais. Eu não tenho dúvida de que o SUS é a melhor resposta em termos de uma política social generosa, de visão incluyente e promotora de equidade. Espero que essa visão positiva fortaleça o SUS. E isso significa começar por um financiamento adequado, capaz de permitir que ele exerça plenamente todas as suas atribuições.

**Com que desafios os sistemas de saúde são confrontados na pandemia?**

Ter um sistema de acesso universal gratuito, como o SUS, é uma grande vantagem para enfrentar uma crise, mas alguns dos problemas dos sistemas de saúde, inclusive o SUS, são revelados nesse momento. A expectativa de quem trabalha na área de saúde pública é que isso sirva como uma reflexão para o Brasil e todos os países da América Latina sobre a importância de se fortalecer os sistemas de saúde em todos os seus níveis. A maioria dos países da América Latina tem sistemas fragmentados e os subsistemas geralmente não possuem nenhum tipo de coordenação. Em uma emergência é preciso aumentar o número de leitos de UTI de maneira rápida e muitas vezes não há mecanismos de negociação com o setor privado que permita isso. Creio que cada país vai buscar formas de como fortalecer sistemas de saúde para garantir acesso e a cobertura universal da saúde.

### **Como a falta de financiamento adequado afeta nesse contexto?**

O SUS tem um subfinanciamento histórico. Esse é um problema. Nós recomendamos, não só para o Brasil, que os países busquem pelo menos 6% de gasto público com sistemas de saúde para atender as demandas da sociedade. No Brasil, o financiamento público anda perto de 4% para a saúde. O subfinanciamento aparece quando alguns estados têm a capacidade de UTI em nível crítico e não podem contratar recursos adicionais. Sabemos que todos os países alocaram recursos adicionais, inclusive o Brasil, o que é bom, mas precisamos ainda avaliar se são suficientes ou se será necessário um aporte maior para reforço.

### **A Opas está preocupada com a situação brasileira e a quebra de medidas de isolamento?**

Estamos preocupados com todos os países da América Latina e não fazemos avaliação de atitudes de governantes durante uma crise. A Opas presta cooperação técnica e apoia os países com recomendações, oferecendo as evidências, mas a decisão é tomada por cada país. Nós já aprendemos a duras penas que nenhum sistema de saúde do mundo, mesmo em países ricos e desenvolvidos, consegue atender a demanda gigantesca por leitos e respiradores quando se deixa a transmissão natural ocorrer. As evidências mostram que as medidas de distanciamento social são hoje a única maneira de reduzirmos a velocidade de transmissão. Não há outra. Isso é fundamental para salvar vidas.

### **A OMS poderia ter sido mais ágil na detecção e coordenação da resposta da pandemia?**

Em 30 de janeiro, quando a OMS decretou a emergência de saúde pública de importância internacional, que é o mais alto grau de alerta dentro do Regulamento Sanitário Internacional (RSI), só havia 52 casos de covid-19 fora da Ásia. A organização divulgou os riscos do que se conhecia até aquele momento. O papel de liderança da OMS se consolidou com várias iniciativas importantes contra a pandemia. A OMS coordena o Solidarity Trial ["Solidarity" clinical trial for covid-19 treatments, que envolve mais de 100 países], que é o maior estudo que está sendo feito para validar algum medicamento para a covid-19 e lançamos em maio uma grande iniciativa para levantar 8,5 bilhões de dólares e promover o acesso equitativo a uma vacina, com apoio de vários países.

### **Um país como o Brasil pode ser candidato a provocar uma nova pandemia?**

Uma pandemia é um risco global. Não temos certeza de quando ou qual será o vírus, mas sabemos que vai ocorrer outra crise. Sabemos que são mais propícios locais onde há mais contato das pessoas com animais, como em um mercado de animais vivos, algo comum em cidades pobres e do interior, ou onde tenha ocorrido algum desequilíbrio ecológico. No Brasil e na América Latina, houve surtos de hantavírus no começo dos anos 2000 relacionados com a ocupação não planejada de áreas silvestres que viraram condomínios habitacionais. É muito importante que os

países tenham condições de fazer detecção rápida e buscar sempre uma resposta efetiva.

### **Como garantir acesso de países periféricos a tratamentos e uma futura vacina?**

O acesso equitativo é um dos grandes desafios atuais e pode ser uma boa lição dessa pandemia. Os países mais pobres do mundo, inclusive alguns da nossa região, só tiveram acesso à vacina do H1N1 seis a oito meses depois dos países mais ricos. Falar em acesso equitativo é dar acesso aos insumos críticos para responder a uma emergência de saúde pública, sejam respiradores mecânicos, kits de PCR, vacina, medicamentos. A Opas participou dessa disputa buscando equipamentos para os países mais pobres, como o Haiti, que, com 12 milhões de habitantes, só tinha 40 respiradores. O mundo vai ter que refletir sobre a criação de mecanismos permanentes de promoção do acesso equitativo numa emergência de saúde pública internacional.

### **Qual a importância de uma resposta internacional coordenada?**

A falta de uma coordenação internacional pode ocasionar situações dramáticas. É importante para mobilizar recursos para atender crises humanitárias que podem ocorrer em países pobres que enfrentam uma crise social e econômica, às vezes política, somadas à crise sanitária, como no Haiti, em países da África e Ásia. A coordenação otimiza os esforços para o desenvolvimento de novas ferramentas e a implementação de estratégias como Solidarity Trial. O mesmo será feito para a vacina. A fase 3 da vacina, de ensaios clínicos, tem que ter a participação de 30 a 40 mil pessoas e a resposta será mais rápida se 90 a 100 países trabalharem juntos para recrutar voluntários. Acho que o multilateralismo vai ser fortalecido, mas haverá disputa ideológica. Há pessoas, governos, partidos que creem que podem construir um mundo em que as soluções não são coordenadas internacionalmente.

### **É possível de alguma maneira barrar a entrada do vírus em um país ou região?**

A pandemia nos mostra que nenhum país está imune. Foram afetados países ricos que tomaram medidas como fechar fronteiras e cancelar voos. Para determinados tipos de doença, não há nenhuma barreira eficaz para impedir que ela se dissemine. Isso reforça a ideia de que a proteção de todos depende sempre da proteção de cada um. O mundo ficará automaticamente vulnerável se um país não tiver condições mínimas e um sistema de saúde com capacidade para detectar e controlar o surgimento de um novo vírus. Vamos ter acertos e erros que precisam ser estudados de maneira independente e objetiva para gerar recomendações que fortalecem os sistemas de saúde diante de uma epidemia. Não podemos perder essa oportunidade. É um aprendizado que se dá com uma carga de sacrifício com a perda de milhares de vidas. Eu creio que esse é um legado importante para todos os sistemas de saúde do mundo. 

■ Leia entrevista completa no site de Radis.